

A crise da missão e da identidade presbiteral na Igreja contemporânea: *entre o Evangelho e a caricatura!*

Pe. Izidorio Batista de Alencar¹

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão teológico-pastoral sobre a crise da missão e da identidade presbiteral na Igreja contemporânea. A partir da análise de documentos magisteriais e da realidade eclesial atual, denuncia-se a espetacularização da fé e a lógica mercantil que transformam a missão em produto e os ministros ordenados em protagonistas de encenações religiosas. Defende-se a necessidade urgente de uma conversão pastoral que recupere a autenticidade do anúncio evangélico e a profundidade sacramental do ministério presbiteral. O texto também apresenta testemunhos do episcopado brasileiro e propostas concretas de renovação da formação presbiteral na Igreja do Brasil.

Palavras-chave: *missão; presbítero; conversão pastoral; Igreja em saída; formação presbiteral.*

Introdução

A missão é a razão fundamental da existência da Igreja. Desde o mandato de Cristo “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), a comunidade cristã é chamada a viver em estado permanente de saída. Neste sentido, o Concílio Vaticano II afirma: “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, pois tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo” (*Ad Gentes*, n. 02).

Contudo, observa-se na atualidade uma crescente distorção dessa missão, especialmente no contexto das plataformas digitais, onde a fé é frequentemente transformada em espetáculo. A pedagogia do medo, a comercialização de rituais religiosos e a centralização da figura do ministro ordenado revelam uma crise profunda na identidade eclesial e presbiteral.

1. A missão como essência da Igreja

A missão não é uma atividade periférica, mas o centro da identidade da Igreja. São Paulo VI, na Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, no capítulo sobre a missão como essência da Igreja diz: “Evangelizar constitui a graça e

1. É Presbítero da Diocese de Salgueiro-PE, licenciado em Filosofia; Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano; pós-graduado em Gestão Pública pelo mesmo Centro Universitário; Mestre em Teologia Dogmática, Pelo Pontifício “Atheneo Regina Apostolorum”, em Roma; pós-graduado em Governança Eclesial pela FACASC, Florianópolis-SC e pós-graduando em Dimensão Social da Fé pela UNICAPE, Recife-PE. Atualmente, é Pároco da Paróquia Santa Cruz, Cidade de Salgueiro-PE e Coordenador Diocesano de Pastoral. E-mail: ib.alencar@hotmail.com

vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar!” (*Evangelii Nuntiandi*, n. 14).

A missão é o anúncio da Boa Nova que liberta, transforma e convida à conversão. Quando esse anúncio é substituído por uma lógica de consumo espiritual, perde-se o horizonte escatológico e libertador do Evangelho. A missão, nesse contexto, deixa de ser serviço e se torna produto.

O Papa Francisco, reforça que a missão deve ser vivida com alegria e autenticidade, e não como obrigação ou espetáculo, dizendo: “a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que tomam a iniciativa, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (*Evangelii Gaudium*, 24).

2. A espetacularização da fé e a lógica do mercado religioso

A cultura digital trouxe novas possibilidades de evangelização, mas também riscos. Em muitos casos, a missão é reduzida a um espetáculo, onde o sensacionalismo substitui a catequese, e o emocionalismo eclipsa a profundidade teológica.

João Décio Passos nos assegura que “a pastoral é a razão de ser da Igreja, e não o contrário. Quando a Igreja se torna palco, perde sua função de fermento no mundo” (*Revista Vida Pastoral*, n. 312, 2020).

Essa lógica comercial exige “produtos religiosos” que atraiam audiência: exorcismos públicos, promessas de cura imediata, e rituais de libertação que mais se aproximam de performances do que de sacramentos. A missão, nesse modelo, é condicionada à venda de experiências religiosas, muitas vezes baseadas no medo e na promessa de milagres.

Essa pedagogia do medo, que explora fragilidades humanas e promove uma religiosidade mágica, contradiz o espírito evangélico e a tradição da Igreja. A missão, nesse contexto, é instrumentalizada para fins de visibilidade e lucro, e não para conversão e serviço.

3. A crise da identidade presbiteral

O presbítero é, por vocação, servidor da Palavra e dos sacramentos. Sua identidade está enraizada no ministério de Cristo, o Bom Pastor. O *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* afirma: “o presbítero é homem de Deus, que vive para o serviço do povo, configurado ao Cristo Cabeça e Pastor” (*DMVP*, n. 09).

Quando o ministro ordenado se torna protagonista de espetáculos religiosos, assume uma caricatura que desfigura sua identidade sacramental. Não é mais mediador do mistério, mas gestor de audiência. A teologia do presbiterado é substituída por uma estética performática, onde o sucesso pastoral é medido por números e aplausos, e não pela fidelidade ao Evangelho.

Essa crise é agravada pela ausência de formação teológica sólida, pela pressão das mídias sociais e pela busca de reconhecimento pessoal. O presbítero, nesse cenário, corre o risco de perder sua essência ministerial e sacramental, tornando-se figura pública mais do que pastor.

4. Conversão pastoral e Igreja em saída para as periferias²

A Igreja precisa recuperar sua missão original: anunciar o Evangelho com autenticidade, simplicidade e profundidade.

Novamente trazemos o Papa Francisco quando frente a esta crise, propõe a toda a Igreja uma ‘conversão pastoral’, dizendo: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo atual” (*Evangelii Gaudium*, n. 27).

Essa conversão exige: a) Formação teológica e espiritual dos ministros (vale ressaltar que atualmente a formação presbiteral está em decadência); b) Superação da lógica do espetáculo (preocupar-se mais com a pessoa e a missão do presbítero e menos com a performance, as vestes e as rendas); c) Redescoberta da centralidade da Palavra e dos sacramentos; d) Pastoral que escute, acompanhe e liberte, não que explore o medo.

A missão deve ser vivida como serviço humilde, não como performance religiosa. O presbítero deve ser sinal do Cristo servidor, não protagonista de um palco eclesial.

². A expressão “Igreja em saída”, usada por Papa Francisco, vai muito além de uma simples movimentação geográfica ou institucional. Ela está profundamente ligada à ideia de “*saída para as periferias*”, tanto físicas quanto existenciais. Na *Evangelii Gaudium*, por exemplo, Francisco afirma: “Sair em direção dos afastados, dos excluídos (...) sair em direção às periferias humanas” (EG 46), ou seja, não se trata apenas de sair dos templos, mas de *ir ao encontro dos marginalizados, dos esquecidos, dos que vivem nas margens da sociedade*, onde a dor, a exclusão e a injustiça se fazem mais presentes. Igualmente, Francisco fala de periferias em dois sentidos: a) *Periferias geográficas* - lugares distantes, empobrecidos, esquecidos e b) *Periferias existenciais* - pessoas que vivem em sofrimento, exclusão, abandono, como os doentes, os encarcerados, os migrantes, os que perderam a fé.

5. Testemunhas da Esperança e compromisso profético

A história da Igreja no Brasil é marcada por pastores que encarnaram com coragem e fidelidade o Evangelho, especialmente nas periferias e junto aos pobres. Em tempos de crise identitária e missionária, suas trajetórias oferecem inspiração e critérios para discernimento pastoral: a) **Dom Hélder Câmara**: defensor dos pobres e dos direitos humanos, viveu a missão como serviço profético; b) **Dom Pedro Casaldáliga**: bispo-poeta, símbolo da luta pelos povos indígenas e pela justiça social; c) **Dom Luciano Mendes de Almeida**: articulador da pastoral social e promotor da dignidade humana; d) **Dom Erwin Kräutler**: voz profética da Amazônia e defensor da ecologia integral, entre outros.

Esses bispos não apenas anunciaram o Evangelho, mas o viveram nas margens, com coragem e coerência. São modelos de presbíteros e pastores que resistem à lógica do espetáculo e encarnam a missão como serviço.

6. A urgência da renovação da formação presbiteral

Diante da crise de identidade e da espetacularização da missão, é urgente repensar a formação dos futuros presbíteros.

A Igreja no Brasil, por meio da CNBB e das diretrizes dos seminários, já aponta caminhos que precisam ser aprofundados: a) Formação integral e encarnada, com experiências concretas junto aos pobres; b) Superação do clericalismo, promovendo uma espiritualidade de serviço; c) Inserção na realidade social e cultural, com diálogo interdisciplinar; d) Formação para comunicação ética e evangelização digital, sem sensacionalismo; e) Espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra e na Eucaristia; f) Formação permanente e comunitária, com acompanhamento espiritual e pastoral, ou seja, exige novas abordagens, considerando os desafios do tempo presente e aquilo que a Igreja espera dos futuros presbíteros na sua missão evangelizadora.

A formação dos futuros presbíteros na sociedade líquida do século XXI exige uma profunda renovação que vá além da mera transmissão de conteúdos teológicos. Trata-se de formar homens capazes de viver com maturidade afetiva, profundidade intelectual, sensibilidade espiritual e compromisso ético com a vida humana e com o planeta.

A Igreja reconhece que o contexto atual, marcado por instabilidade, pluralismo e relativismo, exige presbíteros que sejam pontes de diálogo e não muralhas de exclusão.

Como afirma o documento *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (2016), a formação deve ser “única, integral, comunitária e missionária” — voltada para a totalidade da pessoa e para o serviço ao povo de Deus.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em suas *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil* (Doc. 110), reforça que o novo presbítero precisa ser “homem verdadeiramente apaixonado pelo Evangelho do crucificado/ressuscitado, entusiasmado pela proposta do Reino e capaz de se lançar generosamente no trabalho apostólico”. Isso implica superar o fundamentalismo religioso, que muitas vezes se apresenta como rigidez doutrinal e fechamento ao diálogo. O presbítero do século XXI deve ser capaz de escutar, acolher e dialogar com quem pensa diferente, sem perder a firmeza na fé, mas com abertura ao Espírito que sopra onde quer.

Outro desafio urgente é superar o apego excessivo aos “panos” e aos rubricismos litúrgicos, que podem transformar a liturgia em espetáculo e o presbítero em protagonista de uma performance eclesial. A *Sacrosanctum Concilium*, documento do Concílio Vaticano II, já alertava que a liturgia deve ser “fonte e ápice da vida cristã” e não um palco de vaidades. A formação presbiteral deve cultivar uma espiritualidade litúrgica que seja expressão da comunhão e do mistério, e não da autoreferencialidade. O culto à própria personalidade eclesial é uma tentação que precisa ser combatida com humildade e serviço.

A maturidade afetiva é outro pilar essencial. Em tempos de relações líquidas e vínculos frágeis, o presbítero precisa ser alguém capaz de amar com estabilidade, de viver relações saudáveis e de lidar com suas próprias fragilidades. A *Ratio Fundamentalis* dedica atenção especial à formação humana, afirmando que “sem uma adequada formação humana, toda a formação sacerdotal seria privada de seu fundamento necessário” (n. 93). Isso inclui o cuidado com a afetividade, a sexualidade, a empatia e a capacidade de viver em comunidade. A formação não pode ignorar os desafios emocionais e psicológicos que afetam os ministros ordenados.

Por fim, a formação presbiteral deve incluir uma consciência ecológica e social. O presbítero não pode ser indiferente à destruição do planeta nem à dor dos pobres. A encíclica *Laudato Si'* (2015) convida todos, inclusive os ministros ordenados, a uma “conversão ecológica” que reconheça a interdependência entre todas as criaturas.

O presbítero do século XXI deve ser um guardião da vida, um defensor da justiça e um promotor da paz. Sua formação precisa integrar teologia, espiritualidade, pastoral e compromisso com a realidade, formando não apenas líderes religiosos, mas verdadeiros discípulos missionários para uma Igreja sinodal em saída para as periferias geográficas e existenciais, como tantas vezes, nos alertou o Papa Francisco.

Porém, abordar a urgência da renovação da formação presbiteral na Igreja do Brasil, deve levar-nos também a refletir e questionar a inexistência da Pastoral Presbiteral em algumas dioceses do Brasil, assim também a escassa ou nenhuma importância dada ao acompanhamento dos presbíteros novos, temas que não iremos aprofundar aqui.

A conversão pastoral passa pela conversão formativa: formar presbíteros servidores, não protagonistas; pastores, não performers; discípulos, não gestores de audiência.

Considerações Finais

A missão da Igreja não pode ser mercantilizada, nem o ministério presbiteral reduzido a uma caricatura funcionalista ou performática. Em tempos marcados pela superficialidade, pela espetacularização da fé e pela tentação do clericalismo, torna-se urgente recuperar a profundidade sacramental da Igreja e sua vocação profética. O presbítero não é um gestor de ritos nem um animador de plateias religiosas, mas um servidor do mistério, um homem configurado ao Cristo Servo, Pastor e Esposo da Igreja.

A missão da Igreja é anúncio, serviço e testemunho — não espetáculo. O Evangelho não se comunica por meio de estratégias de marketing, mas pela força do testemunho encarnado, pela proximidade com os pobres, pela escuta dos que sofrem e pela coragem de denunciar as injustiças. A formação presbiteral deve preparar homens capazes de viver essa missão com autenticidade, simplicidade e paixão pelo Reino. Como nos recorda o Papa Francisco, “a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (*Evangelii Gaudium*, n. 14).

A conversão pastoral e a renovação da formação presbiteral são caminhos necessários para reencontrar a essência eclesial e devolver à Igreja sua credibilidade e fecundidade. Isso exige romper com modelos ultrapassados, com estruturas autorreferenciais e com uma visão de ministério centrada no poder. É preciso formar

presbíteros que sejam homens de comunhão, de escuta, de discernimento e de serviço — verdadeiros discípulos missionários, como pede o Documento de Aparecida.

A Igreja do futuro — e do presente — precisa de presbíteros que não tenham medo de “cheirar a ovelha”, como diz Francisco, que saibam caminhar com o povo, sofrer com ele, alegrar-se com ele e lutar por ele. A formação presbiteral deve ser um itinerário de humanização, de espiritualidade encarnada e de compromisso com a vida. Só assim o ministério ordenado será sinal eficaz da presença do Bom Pastor no meio do seu rebanho.

Portanto, repensar a formação dos futuros presbíteros não é apenas uma necessidade pedagógica ou institucional — é uma exigência evangélica. É hora de formar pastores segundo o coração de Cristo, capazes de viver com profundidade, amar com liberdade, servir com humildade e anunciar com coragem. A Igreja será fecunda na medida em que seus ministros forem autênticos, transparentes e apaixonados pelo Evangelho.

Referências Bibliográficas

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*. In: Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1999.
2. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.
3. FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
4. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Vaticano, 2013.
5. PASSOS, João Décio. “*Conversão pastoral: desafios de renovação da Igreja*”. *Vida Pastoral*, n. 312, 2020.
6. COMBLIN, José. *A força da palavra: ensaio sobre a missão da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2005.
7. Congregação para o Clero. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis: O Dom da Vocação Presbiteral*. Vaticano, 2016.
8. CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil*. Documento 110. Brasília: Edições CNBB, 2014.
9. Concílio Vaticano II. *Sacrosanctum Concilium: Constituição sobre a Sagrada Liturgia*. Vaticano, 1963.
10. Papa Francisco. *Laudato Si’: Sobre o Cuidado da Casa Comum*. Vaticano, 2015.